

Stadium

N.º 173 — 27 de Março de 1946 — Esc. 2\$00

O GRUPO PORTUGUÊS



No 1.º plano, da esquerda — Cerqueira, Jesus Correia, Araujo, Patalino, Salvador e Rogério.
No 2.º plano — Feliciano, Copela, Grazina, José Lopes, Francisco Lopes, Carlos Canuto (árbitro),
Coupe (juiz de linha inglês) e Abel Ferreira (juiz de linha português).



FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

O 71.^o aniversário do GINÁSIO clube Português



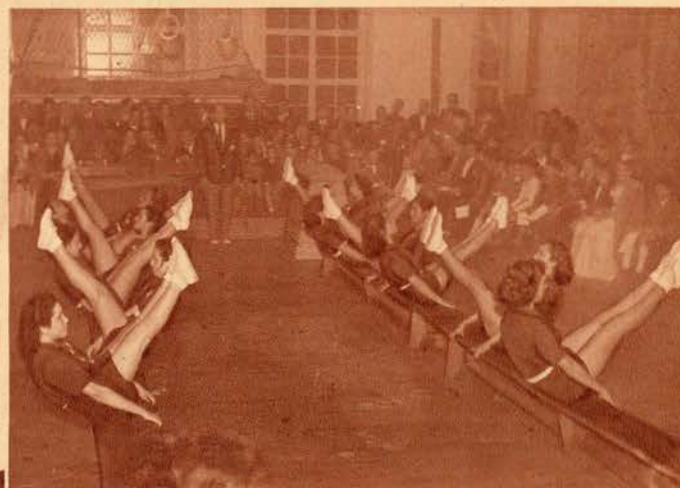
O grupo de senhoras da classe educativa do Ginásio C. P., que revelou excelente classe no último sarau



Um exercício em paralelas



As senhoras que fizeram uma demonstração de ginástica rítmica



Um aspecto dos exercícios da classe de senhoras, ginástica educativa, que deixou a melhor impressão



Uma gentil conconcorrente à prova de tiro do arco



Um aspecto do almoço de confraternização

O Ginásio Clube Português, que festejou agora 71 anos de gloriosa actividade, tem o seu nome consagrado. Os adeptos da Educação Física têm pelo velho Ginásio a mais franca simpatia, que de ano a ano se justifica e se mantém.

Nesta semana de festas, desde a abertura, com uma conferência do almirante Gago Coutinho, até o dia de encerramento, no último sábado, pôde o Ginásio Clube afirmar a sua vitalidade e o seu apurado esforço.

O «grande dia» do programa serviu para apresentar várias classes. A educativa, senhoras, do professor succo Kurt Joanson, agradeceu muitíssimo. Vêm-se ainda 5 ou 6 antigas alunas de Andrés Schwartz, actualmente em Espanha, e Kurt Joanson soube seguir parte do que já estava feito, como bom professor que é. A classe progredirá ainda, à medida que se aplicar. Os seus exercícios denunciaram correcção e o cuidado que puzeram no seu trabalho. Foi sem dúvida um dos melhores ou mesmo o melhor número do programa.

Intervieram nos exercícios: — Eunice de Almeida Coelho, Maria Helena Rijo da Fonseca, Aurora Dias Teixeira, Maria Helena Paiva, Ivone Carrusca, Ana Carrusca, Maria Angelina Vaz Guerra, Maria Tereza Fernandes, Maria de Lourdes Rogado, Maria Margarida da Silva Ribeiro e Maria Luísa Rodrigues Teles.

O outro número de senhoras, em ginástica rítmica, apresentado por fraulea Lissel Martins, peccou por ser demorado e também pela fraca escolha da música que dirigiu as danças. Num programa de ginástica — a rítmica observava-se com um sorriso nos lábios se não ultrapassas certos limites.

A festa de encerramento abito com a exhibição dos infantis, rapazes de 8 anos, também dirigidos por Kurt Joanson. Agradável trabalho dos pequenos alunas. E' sempre difícil disciplinar, na pedagógica, os irrequeitos praticantes.

Os números destinados às classes de homens agradaram. Em saltos de mesa alemã, distinguiram-se entre outros Alfredo Felizardo e Mário Lemos, e embora o conjunto precise ainda de afinação, pode afirmar-se desde já que o velho clube de Serpa Pinto possui boa equipa.

Em triplo trapézio, Carlos Santana, Manuel Gueifão e Viriato Ferreira emocionaram a assistência. Merece igualmente aplausos a persistência do veterano Angelo Mendonça nos voos, bem acompanhado por Gilberto Barros.

A equipa formada por Alfredo Felizardo, Artur Valpassos, Luis Caldas, Nuno San Payo, Santos Amaral, Fernando Filgueiras, Adolfo Garcia, Joaquim Jovita, Manuel Amaral e Mário Lemos arrancou justificados aplausos.

Uma forte selecção portuguesa

realizou um trabalho magnífico de ligação,
ao mesmo tempo com saber e frescura

TEMOS JOGADORES PARA O FUTURO!

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



OI anunciado um desafio contra a «Home Fleet», e logo depois veio a notícia de que vinha a Portugal a selecção da Marinha inglesa, um grupo tão forte como o da R. A. F.

A Federação Portuguesa tomou as devidas providências, a fim do nosso futebol ficar prestigiado. A indicação de formar um onze suficientemente forte foi-nos transmitida, e assim procedemos. Ordenámos imediatamente um treino, e seguimos para estágio esperançados em que faríamos boa figura. Treinámos a valer, e não desperdiçámos tempo. A última hora, a equipa inglesa não chegou. Mas os nossos jogadores entraram em campo animados da melhor boa-vontade. O resultado não oferecia dúvidas, nem estava em causa, tal qual se proporcionaram as coisas. Parece-nos injusto, portanto, fazer recair o *desnível* no *team* que se apresentou com as quinças portuguesas. Que culpas têm os jogadores, ou mesmo nós, de que os seus fortes adversários não tivessem chegado, de avião, como estava anunciado? Ou mesmo nós, que fizemos o grupo? Ou a própria Federação, que se lançou nesta organização obedecendo a uma ordem? Há, pelo menos, a satisfação de verificar que o grupo correspondia inteiramente, e que, fosse qual fosse o seu adversário, ele estava à altura do acontecimento.

Na verdade, o onze dos não-internacionais comportou-se com o maior brio. Os jogadores seguiram, no estágio, todas as indicações, dispondo-se a cumprir o programa de trabalhos. Não houve falha e não se verificou uma má vontade. Todos actuaram com admirável espírito. Tão dedicadamente, que representa uma ironia do destino aquilo que se passou.

Pode-se e deve-se, no entanto, ter hoje a certeza de que o futebol português, quando acabar a for-

nada de *internacionais*, tem elementos à altura do seu prestígio.

Outra coisa não significa a esplêndida exibição desenvolvida no Estádio Nacional. Todos notámos nos rapazes pela primeira vez chamados aos *grandes acontecimentos* um desejo enorme de afirmarem possibilidades.

Sem censura para ninguém, não há dúvida que os *prováveis* jogam sempre com mais entusiasmo do que os *consagrados*. Estes têm já o seu lugar garantido. Aqueles querem subir, e sabem que apenas o conseguirão à força do pulso.

«Dir-se-á que a roda gira, e que, lá no alto, aparecerão outros com o mesmo desejo. Mas isso é absolutamente natural. No fundo, a lei do jogo.

Os ingleses da *Home Fleet* não constituíram, positivamente, um grande onze. Eram mais marinheiros do que jogadores, na feliz imagem do dr. Salazar Carreira. Homens que, chegados a um porto, vão para o campo jogar como podem entregar-se ao cumprimento de outras ordens. Todavia, num país em que quase toda a gente joga a bola, eles tinham uma noção perfeita do futebol, e mostraram-se animosos durante toda a partida, e até mesmo com iniciativa.

Como as coisas decorreram, pareceram, contudo, piores do que aquilo que eram. E que o grupo federativo engrenou com tal perfeição que os deixou batidos desde o primeiro momento. Jogando com rapidez e mantendo a bola sobre o terreno, ou quando muito a um palmo, os portugueses desenvolveram um jogo a que dificilmente se poderiam opor obstáculos.

Certamente, o jogo de um grupo depende muito da categoria do adversário, e aquilo que se faz deve observar-se à face do que fez o adversário. Ninguém ignora semelhante princípio, e nós mesmo, por várias vezes, o temos posto em foco. Entrando em linha de conta com todos esses valores, podemos, entretanto, afirmar que esta linha mista se encontrava numa tarde excepcional. Grande parte do público que se encontrava no Estádio Nacional não era da bola. Mas os que eram, e que são justos, livres de nefastas influências, têm emitido uma opinião que chega até nós e que consideramos curiosa: — Gostaríamos de ver este grupo em competição com um alinhamento da força da R. A. F. É evidente que este pensamento nasce no cérebro das pessoas por causa da expressão

de poder de que deu provas o grupo apresentado.

Ha também que ter em conta que os *internacionais* em exercício não têm vida eterna. Fatalmente, mais dia menos dia, chegará o seu termo. Então, quem ha-de receber a pesada herança se, entretantes, não se tiver pensado no caso, e não se tiver preparado valores para o efeito?

Por outro lado, o futebol português, até pela orientação de que está sendo alvo, não pode viver agarrado a nomes e convencido de que morrerá sem o seu concurso. A verdade é que todos os homens são precisos e ninguém é preciso! O futebol ganhou em expansão o suficiente para não se quebrar a sua evolução, sejam quais forem os acontecimentos que se passem. De resto, a orientação moderna conduz-nos à resultante que acabamos de enunciar. São necessárias as habilidades, mas temos de integrá-las devidamente no conjunto. Está posta de lado a improvisação exclusiva, para entrarmos definitivamente na escola do jogo apreciado e estudado nos seus vários fundamentos, como razão de vitória, ou, pelo menos, de boa exibição.

Os ingleses comportaram-se de um modo inexcusable, no ponto de vista desportivo. Fizeram o seu máximo, lutando do princípio ao fim com entusiasmo. Quando o apito de Canuto se fez ouvir, os jogadores da *Home Fleet* saíram do campo com a consciência tranquila. Tinham cumprido a sua obrigação. Mas podiam fazê-lo com azedume, ou um mau olhar. Nada disso. Respeitaram sempre o adversário, sentindo-se felizes pela categoria do opositor. O país que tem o culto do *fair-play* não podia ter melhores representantes, neste capítulo. Por sinal, os portugueses corresponderam em absoluto. Nos noventa minutos do encontro não se registou uma jogada má, uma atitude incorrecta, qualquer coisa que não estivesse bem. Os portugueses não brincaram, apesar de passarem a rematar de longe. Deram, por consequência, a maior prova de consideração que poderiam dar.

Não queremos cair a fundo, quanto à apreciação técnica de valores, porque, em boa verdade, tudo decorreu da melhor forma para o nosso lado. Mas não há dúvida que o *team* estava inspirado, que teve graça e alegria, e que impressionou em muitos aspectos, na vivacidade, na troca de lugares e no remate. Esta última

qualidade merece, então, ser posta devidamente em relevo, já que, ordinariamente, não aparece no futebol da nossa terra.

Bem sabemos, é a eterna história, que se nos pode dizer o seguinte: — Ora, com jogadores fracos, o remate é fácil. Mas a verdade é que, em todos os domingos, encontramos matéria que contraria semelhante doutrina.

O remate é o ponto fraco do futebol português, e semelhante deficiência revela-se sempre, seja qual for a categoria dos contendores.

Semelhanças encontros, bem entendidos, e com uma organização menos apressada, constituem esplêndidos motivos de revelação de valores. Quando construímos o *team* dos *novos*, fomos buscar à Província elementos desconhecidos que deram boa conta do recado.

Agora, em menor escala, e dado estar em causa o *interesse* do futebol, também nos demos a experiências de que não nos arrependemos. Nem queremos arrependermos. Damos-nos convictamente a esta tarefa de renovação e revelação, e de aqui não saímos. Que nos importa que algumas pessoas, mesmo com responsabilidades, entendam que só está bem feito aquilo que eles fazem, e que não presta o que sai da inspiração e orientação dos outros? Então, não dá gosto ver um rapaz de um clube relativamente modesto e pouco conhecido, portar-se com apuro, dando boa nota de jogo? — A resposta só poderá ser uma.

Apreciado em conjunto, o *team* dos *não-internacionais*, e no qual colaborou Feliciano, apresentou-se muito bem. Mostrou frescura e graça, saber e possibilidades. Quem já está farto de ver *association* hábil e científico, mas sem energia e espírito de sacrifício, ficou contente como ficámos nós. O resto não interessa. Toda a série de *bas-fonds* de café, que não ultrapassa um ambiente restrito, mas que quer dominar, não o conseguindo, toda uma organização.

Mais do que a ideia do jogo, em técnica, importa focar o trabalho dos nossos jogadores. E comecemos pelo guarda-redes...

De Capela pouco há a dizer. Foi pena que não tivesse trabalho. Raras vezes um jogador se apresenta tão firmemente convencido de que vai triunfar e disposto à luta. O guarda-redes do Belenenses, que é uma das pessoas do jogo em que se sente maior ansia de ascensão, caminhou para o campo em busca de glória e lá encontrou, afinal, somente motivos de aborrecimento. Esteve encostado às balizas, e traído em um dos lances por um passe frouxo, tudo decorreu de maneira a aborrecê-lo mais do que já estava. Mas Capela é um jogador novo, que facilmente compreende que as coisas nem sempre correm ao sabor dos nossos desejos. Há-de ainda ter tempo de mostrar a uma multidão entusiástica aquilo que vale.

Nos defesas, o caso de Feliciano está aparte. Certo, o reputado jogador é melhor nos desafios grandes do que naqueles em que uma falta de atenção não importa. Todavia, a sua indiscutível *classe* impôs-se em vários momentos, provocando viva admiração. O seu companheiro, Cerqueira, do Benfica, não teve necessidade de se empregar a fundo. Não obstante, a sua rapidez sobre a bola

Ano IV — II Série — N.º 173
Lisboe, 27 de Março de 1946

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUIHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACÇÃO E ADMINISTRACÃO
Trav. Cláudio João Gonçalves, 10, 3.º — Telef. 5.946 — LISBOA
Execução gráfica de NEGRAYUBA, LIMITEADA — LISBOA

A Federação Portuguesa

ofereceu um almoço aos jogadores portugueses e da «Home Fleet»

A Federação Portuguesa de Futebol ofereceu ante-ontem, num restaurante da Baixa, um almoço em honra dos componentes do grupo da *Home Fleet*, a que assistiram os portugueses com o seu treinador, Augusto Silva.

O almoço decorreu em ambiente de pura camaradagem, tomando lugar, um a um, jogadores portugueses e ingleses. Na mesa de honra sentaram-se os srs. dr. José Salazar Carreira, inspector dos Desportos, Dr. Bento Coelho da Rocha, presidente da Federação, comandante Attwater, do «Nelson», Raul Vieira, Jorge Vieira e Salvador do Carmo.

Aos brindes, falaram os srs. drs. Coelho da Rocha e Salazar Carreira, e comandante Attwater. Os nossos dirigentes salientaram o desportivismo do adversário, e a forma como se haviam comportado, tendo palavras de apreço para a actuação portuguesa. O comandante inglês, em nome do almirante-chefe da esquadra, disse do seu desgosto por o *team* da Marinha inglesa não se ter deslocado, e ao mesmo tempo a sua satisfação em ver um grupo de qualidade como aquele que os portugueses apresentaram. Um espectáculo inesquecível num estadião formoso! — venceu o sr. comandante Attwater.

foi notória. Necessita de ser mais preciso nas *entradas* e de educar o pontapé. Mas trata-se de um jogador que progride e se aperfeiçoa.

Toda a linha média apresentou-se pela primeira vez. José Lopes é um elemento a quem se pode entregar, sem receios, uma tarefa, na certeza de que ele a cumprirá integralmente e do melhor modo. Joga à base da preparação e inteligência, e procura servir o dianteiro convenientemente.

Grazina foi escolhido, após um exame de consciência. Parecia-nos que se devia dar a este rapaz, enérgico e dedicado como nenhum outro, uma oportunidade de se afirmar. O que ele fez — viram-no todos, e não há dúvida que estava disposto a fazer muito mais. Os seus passes tiveram a boa marca. Francisco Lopes talvez tenha sido aquele que nos deu uma ideia inferior aos seus méritos. Eis um jogador que precisava de disciplinar os seus movimentos.

... E passamos adiante, para a linha da frente. Jesus Correia não conseguiu destacar-se, e a razão parece estar na sua deficiência de domínio de bola. Seja em que posto for, um jogador precisa de dominar o esférico para dar seguimento conveniente ao jogo. Certo, os seus companheiros deram-lhe pouco jogo, não o servindo nas condições propícias ao desenvolvimento do seu talento. Mas isso mesmo deu vulto à deficiência. Pelo contrário, Araújo triunfou em cheio. No entanto, no aspecto de colaboração, podia ter feito

UM TEMA

Cuidemos do «Water-polo»

DE novo voltamos a abordar este tema. O «water-polo» é, pode dizer-se, uma chaga permanentemente aberta no panorama da natação portuguesa. Problema que vem arrastando-se há longos anos já, nunca encontrou possibilidades de solução, por vários motivos, o primeiro dos quais — diga-se abertamente — a falta de interesse. Falta de interesse geral — pois engloba dirigentes e dirigidos, tantos dos clubes como dos organismos que superintendem na modalidade.

«Stadium» — com certa vaidade o afirmamos — tem sido a única publicação que, nos últimos anos, se tem batido com entusiasmo pelo ressurgimento do «water-polo», dentro da sua esfera de acção, bem entendido.

Há três anos, após larga e persistente campanha desenvolvida nestas colunas, patrocinámos e tomámos até parte activa na organização de um torneio que tinha como prémio principal a taça «Stadium». O torneio, debaixo de certos aspectos, correspondeu ao fim em vista. Saiu-se do marasmo desolador. Mostrou-se à evidência que ainda era possível jogar «water-polo» entre nós, sem se verificarem cenas desagradáveis.

O jogo Algés Alhandra — que ainda temos perfeitamente na memória — decorreu com irrepreensível desportivismo. Supomos mesmo que nesta boa terra de técnicos e de profetas — ninguém o profetizara assim...

A bela modalidade ensaiara — nessa manhã azul de Setembro de 1943 — os primeiros passos para uma era de ressurreição. Dir-se-ia que o «water-polo» renascera das próprias cinzas. Engano. A inércia — lei da física e

mais. Como se poderá, todavia, censurar um jogador que marca *goals* de bandeira com uma facilidade incrível? Alguns dos seus remates com o pé esquerdo constituíram modelos de execução. Para Patalino, também vão os melhores elogios. Eis uma estreia que levanta a cortina do horizonte. O conhecido elemento de Elvas não só se adaptou ao jogo dos interiores, o que revela *classe*, como não esqueceu as instruções que lhe tinham sido dadas, sinal certo de apreensão. Além disso, revelou uma fogaosidade impressionante. De Salvador, já se conhecia a *medida*. E o mesmo se poderia afirmar de Rogério, cuja popularidade sobe justamente de dia para dia. O extremo do Benfica está numa *forma* que quase não tem qualificação entre nós. Toca a bola, passa com magia, e pobre do adversário que se apresenta na sua frente. Faz de pobre diabo!

Canuto dirigiu a partida com o sentido apurado de quem sabe ver a bola e se sabe adaptar às circunstâncias.

Assinem a STADIUM

da vida — pode muito. Passada a vaga de entusiasmo, voltou-se à tradicional calmaria.

Há um ano, no dealbar da época natatória de 1945, lançámos novo brado nestas colunas. E em artigo intitulado «Cuidemos do water-polo» — que está em causa a turna nacional», escalpelizámos o assunto como se impunha, com os olhos postos nos encontros com a Espanha, que se realizariam daí a meses. Claro está que não se cuidou a tempo e horas da preparação do grupo nacional. E o resultado foi aquele de que ainda, infelizmente, todos nos lembramos.

Este ano parece estudar-se a hipótese de excluir o «water-polo» do programa do encontro com a Espanha.

Concordamos inteiramente. Em nossa opinião, o grupo português não deve, realmente, defrontar equipas estrangeiras enquanto não atingir aquela craveira minúscula que lhe permita, pelo menos, perder com decência.

Agora, entendemos que se devia ir um pouco mais longe. Excluir o «water-polo» das competições internacionais — mas fazer qualquer coisa para que ele renasça.

E essa tarefa não compete apenas ao Algés, ao Estoril Praia e, vamos lá, à «Stadium». Compete também à Associação e à Federação.

Torna-se necessário desenvolver larga campanha junto das camadas jovens a fim de lhes insuflar o gosto pelo jogo. Organizar torneios. Conceder prémios de estímulo, etc., etc.

Abreu Torres

Abreu Torres

CICLISMO

A vitória de Carlos Miguel nos 30 quilómetros contra relógio

PARA recomenciar, o Clube Atlético Campo de Ourique — o simpático CACO — não poderia desejar melhor: uma excelente e justa vitória do seu único representante, o habilidoso Carlos Miguel, na segunda prova do campeonato distrital de iniciados — os 30 quilómetros contra-relógio.

Carlos Miguel, que foi durante bastante tempo «leader» do Circuito Flecha, de 1945, soube aproveitar-se do «fundo» que já possuía, como homem bastante «rolado», para vencer uma prova que se tornou difícil, dados o dia chuvoso e o vento forte que soprava na segunda metade do percurso. Mas, como animador índice de que o ciclismo português pode contar com alguns elementos novos e susceptíveis de progredir, o ouriqueense, que se empregou briosamente, encontrou adversários muito da sua igualha, vindo e vencer apenas pela escassa diferença de 2 segundos — diferença que ele no tempo do quinto classificado não foi além de 23 segundos.

Assim, de parçaria com o vencedor, mereceu referência o comportamento atlético de Oliveira e Silva,

Provas da Mocidade

O torneio de futebol da Ala 2 da «Mocidade Portuguesa» está a atingir o seu termo. E bom seria que todos os campeonatos pudessem, sempre, entrar na sua fase final, como este — em beleza.

O campeonato deste ano, disputado em moldes um pouco diferentes dos habituais, resultou, de facto, animado, e tem conseguido manter vivo, até ao fim, o entusiasmo de todos os concorrentes.

Na última jornada, um encontro sobrelevava todos os outros: o que opunha as turmas da Casa Pia e do Colégio Militar, e do qual seria o vencedor da primeira série.

Tratando-se de dois elencos bem aparelhados física e tecnicamente, o prélio despertou natural expectativa, que, em boa verdade, não foi desmentida pelo desenrolar da partida.

Ao fim e ao cabo de um desafio rijo, enérgico, bem disputado — com um pouco de nervos — a turma da Casa Pia triunfou por 4-1, por forma a não deixar dúvidas.

A partida Liceu de Camões — Colégio Ulissiense também tinha interesse, pois que era decisiva com vista ao apuramento do segundo classificado da primeira série, o qual também tem direito a figurar no torneio final.

O encontro, porém, teve reduzido interesse, dado o desnível de forças.

Os rapazes do Ulissiense venceram por 12-0, resultado que, por demais expressivo, dispensa comentários.

No outro encontro, entre o Liceu de D. João de Castro e a Escola de Afonso Domingues — dois grupos que já não podem ter grandes aspirações — o primeiro triunfou por 4-2.

É agora aguardemos a fase final — que há interesse em ver qual será o campeão.

Alberto Alves, Luís Bispo, Joaquim Manique, Manuel Francisco, José Graço e Eugénio de Jesus, todos classificados dentro do tempo de 1 h 4 m.

É certo que alguns destes estradistas não disputaram totalmente a prova segundo as normas exigidas nas pugnas contra-relógio, e este facto deve ter influído, para melhor, nas médias atingidas. No entanto, são todos elementos capazes de progredirem — isto, é claro, no caso de quererem trabalhar e passarem a actuar dentro daqueles princípios de honra que devem ser preocupação dos bons desportistas.

Numerosa a representação do Benfica — a indicar que os «encarnados» vão intensificar o seu trabalho de preparação dos novos — e do Sangalhos, também interessado em substituir de futuro os seus ases por gente da «casa».

Organização cuidada, fiscalização na estrada meluclosa e capaz de fazer sentir aos prevaricadores a responsabilidade das suas faltas, e muito interesse pela corrida.

Gil Moreira



GRAZINA

um caso curioso do nosso futebol

— Já é tarde. Pensei sempre que seria um dia seleccionado para jogar pelo grupo nacional. Desejava mesmo ficar com essa recordação na minha vida de desportista.

— Vê-lo agora a oportunidade — atalhámos. O jogador olhanense sorri e declara-nos:

— Tive esperanças em alinhar no último Portugal-Espanha. Mas, essa ocasião passou.

Convicto:

— Não acredite ninguém que me julgo com menores possibilidades do que nessa altura. E garanto-lhes que faltam à verdade quando mais ou menos claramente dizem que estou velho. Fisicamente sinto-me ótimo e com a bola nos pés ainda me não perturbo.

E para nos dar um exemplo:

— Olhe, cá por minha vontade os jogos deveriam demorar hora e meia, sem intervalo. O meu fôlego seria o mesmo do princípio do jogo. E em corrida não me assustam. Os 200 metros pertencem-me, à vontade!

— Vemos portanto que Grazina tem ainda as suas aspirações.

— Ser internacional de futebol! E se falo assim é porque me julgo capaz de vestir e honrar a camisola do grupo nacional.

«O meu outro desejo é que nenhum acidente, ou qualquer imprevisto venha embarçar o tempo de jogador de futebol que espero ter.

— Quantos anos?

— Dois anos mais, a defender as cores do Olhanense.

— E' o clube seu preferido?

— O de que mais gosto. Nele estarei até ao fim da minha carreira desportiva.

— Claro que tem uma opinião acerca do valor do seu clube?

— Tem classe e deve ser comparado aos melhores clubes do país. E' um grupo para perder em casa e ganhar fora dela. Fazemos bom futebol, temos cumprido muito bem. Não se esqueça a desvantagem das nossas constantes viagens agravadas pela distância a que nos encontramos.

— Depois do Olhanense para onde vão as suas simpatias?

— Para o Benfica.

— E jogadores?

— Rogério, Araujo e Peyroteo.

Pedimos a Grazina que nos recorde os dois momentos da sua vida de jogador que mais o tenham impressionado.

Não obtivemos resposta. O jogador olhanense vive o jogo com todos os seus momentos bons e maus, aceitando-os como causas materiais do desporto, suas competições e seus resultados — disse-nos depois.

— O lugar que ocupa na equipa é o de sua preferência?

— O posto de médio-centro é o de que mais gosto. No Marítimo joguei a avançado-centro, mas prefiro o meu actual lugar onde me agrada fazer passes aos extremos e lançá-los em boas condições para poderem concluir o remate. Se o conseguem, mercê dessa minha jogada, fico satisfeito.

Vamos a chegar à Trafaria e a nossa última pergunta obteve de Grazina uma declaração curiosa, que permitiu terminar a entrevista com um sorriso:

— Qual o grupo mais difícil para o Olhanense?

— O Sporting.

Lembramo-nos então de perguntar:

— Qual a razão porque o Olhanense não consegue ganhar ao Sporting?

— Os emblemas do Sporting e do Olhanense têm um leão. Mas, o que está bordado nas camisolas dos sportingistas é maior que o nosso, portanto mais possante. Está aí a explicação. Enquanto o leão que anda no nosso emblema não se tornar maior que o do Sporting, é certo que perdemos.

O pequeno barco da travessia acostava ao pontão da Trafaria. Os não-internacionais, bem dispostos e bem acompanhados por Augusto Silva, correram a tomar lugar no auto-carro que os conduziu à Quinta de Santo António. Entre eles ia Grazina — um caso curioso do nosso futebol.

Fernando Sá



NO grupo dos não-internacionais que se defrontaram com o *team* da «Home Fleets», alinhou um jogador que é um caso curioso do nosso futebol: Grazina.

O magnífico «half» olhanense mereceu essa distinção — conquistada ao decorrer das várias exhibições do campeão algarvio.

O leitor tem visto jogar Grazina, enérgico, ágil, a desmentir os seus 35 anos de idade — que para muitos, e sem razão, é já idade sem grandes esperanças futebolísticas...

Conversamos com Grazina, aproveitando o treino dos seleccionados, quando ia a caminho do estádio, na Caparica. E soubemos então que o jogador do Olhanense não teve os princípios que trazem para a vida da bola outros jogadores.

Pelo contrário. Aos 20 anos ainda não tinha tomado contacto com a bola, em competições oficiais. Nem mesmo particulares. Só quando esteve cumprindo o serviço militar, em Vendas Novas, se revelou o futebolista. E deu então os primeiros pontapés numa bola envergando a camisola do Estrela de Vendas Novas. Acabado o tempo militar, Grazina, que é natural de S. Braz de Alportel, mas que há 30 anos vive em Olhão, voltou à cidade algarvia já com o gosto pelo popular jogo. Alinhou no Marítimo que pouco tempo depois deixava a actividade. Despreocupadamente, o jogador abandonou também o desporto. Durante 9 anos Grazina não jogou, e só de longe a longe se entretinha com outros a dar uns pontapés numa bola no campo da feira, em Olhão.

Foi numa dessas despreocupadas exhibições que o treinador Cassiano me convidou a ir jogar para o Olhanense — conta-nos Grazina.

E foi mesmo, verificando que os 9 anos que andara afastado do jogo não me haviam prejudicado o gosto pela bola.

Foram estes os princípios do jogador Grazina. — Que impressão lhe causou o convite para este jogo com os marinheiros ingleses?

Grazina encolhe os ombros, despreocupado, e diz-nos:

Uma fase do jogo entre o grupo da esquadra inglesa e a selecção escolhida por Tavares da Silva, vendo-se Grazina a evitar um avanço



O SELECIONADOR e o TREINADOR surpreendidos no estagio da Caparica

O grupo nacional de futebol está actualmente entregue à direcção técnica de dois homens de desporto, dois nomes competentes, duas personalidades em quem se deposita justificada confiança: Tavares da Silva e Augusto Silva. Está-lhes entregue tarefa árdua, missão espinhosa que eles encaram com belo optimismo. São duas figuras que há muitos anos andam vivendo a vida intensa e comunicativa do desporto. Pela primeira vez estão lado a lado, trabalhando numa entre-aajuda valiosa para prestígio do nosso futebol.

Tavares da Silva, Augusto Silva — que recordações terão da vida desportiva um do outro?

O assunto tentou-nos e na manhã do último domingo fomos surpreendê-los no estagio, na Quinta de Santo António, na Caparica. Ambiente excelente. Camaradagem magnífica.

Tavares da Silva foi o primeiro que nos surgiu revestido do seu natural bom humor, mordiscando o seu primeiro charuto desse dia.

— Quando conheceu o Augusto Silva?

A pergunta teve pronta resposta, sinal de que poderíamos dar realidade à nossa curiosidade.

— Há muito tempo! Mas ainda conservo bem viva, na memória, a sua figura de jogador. Ai por 1919, andava no liceu, começou a vida do jogador Augusto Silva. De resto, destacou-se logo. Era um homem de grande personalidade em campo.

— Seria interessante a sua apreciação acerca do Augusto Silva desse tempo.

— Jogador sóbrio, mas excepcional. Foi um precursor do jogo de conjunto, pois toda a sua actuação em campo tinha a marca da ligação. Julgo que Augusto Silva recolheu de Artur José Pereira o processo de jogo, que depois aperfeiçoou, pela observação e em troca de impressões com os seus companheiros e mesmo com os adversários.

— Recordar-se do melhor ou do pior jogo de Augusto Silva?

— Jogava normalmente bem. A percentagem de maus jogos na sua longa carreira deve ser diminuta.

Recordar o seu melhor jogo?

Quando era preciso agigantava-se. Por exemplo, nos desafios internacionais. Podia estar em má forma que justificava sempre a escolha.

— Augusto Silva recorda-lhe alguma época especial do futebol português?

— O nome de Augusto Silva manter-se-á sempre vivo no futebol português e ligado à brilhante época de Amsterdão. Tratava-se de um futebol mais sob a base de figuras, Augusto Silva talvez fosse o que procurava disciplinar mais o que se passava em campo.

— Porque escolheu Augusto Silva para treinador do team nacional?

— Porque o respeito, e sem desdouro para quem quer que seja, é o melhor treinador português. Porque a sua grande figura de jogador podia servir de exemplo, e facilitar a sua missão. Ainda por se tratar de um homem cuja vida constitui um espelho limpo. Como treinador e como homem, era a pessoa indicada.

Caminhávamos pela estrada da Costa da Caparica em passos vagarosos, regressando ao «Tá-Mar», quando apareceu Augusto Silva. Mudamos de companheiro. Desviámo-nos com o treinador do grupo alegre dos não-internacionais. E pergunta-mos-lhe também:

— Desde quando se lembra de Tavares da Silva?



TAVARES DA SILVA

— Era ele árbitro e parece-me que já começara a sua vida de jornalista. Isto há mais de 20 anos. E tenho bem presente um caso que me fez notar mais desde então o Tavares da Silva.

Belenenses e Império Lisboa Clube disputavam um jogo. Arbitrava Tavares da Silva. Na sequência de uma jogada Cesar de Matos recebe a bola com o peito que dá a sensação de mão. A ser assim a grande penalidade teria de marcar-se. Mas a infracção não fora cometida. Foi falar ao Tavares, disse-lhe a verdade da jogada. Acreditou-me logo e marcou bola ao ar.

Isto provou-me o alto grau de consideração que ele tinha por mim dando-me com sua atitude a garantia de que já nessa altura me via incapaz de ofuscar a verdade. Data daí a minha simpatia e o momento em que reparei nesse árbitro...

— Que lhe viu fazer em desporto, melhor e pior?

Augusto Silva sorri. — Tenho seguido desde então a actividade desportiva, não esquecendo a sua merecida categoria de árbitro internacional, de Tavares da Silva e sempre me agradou. Bom elemento e bom amigo. Este seu cargo que vem desempenhando tem servido para conquistar mais simpatias. E está bem entregue o difícil cargo. E' evidente que Tavares da Silva tem uma personalidade especial para enfrentar esta missão. Sinceramente digo: é muito competente.

— E' então boa a sua opinião acerca do seleccionador nacional?

— Sem dúvida. Uma opinião bem amparada naquela consideração que devemos ter pelas pessoas que a demonstram ter por nós.

Nunca tinha convivido com ele em circunstâncias de tão estreita colaboração. O contacto destes dias satisfiz-me amplamente. Espero poder dar-lhe a mais dedicada colaboração.

Foram estas as confidências que nos divulgaram Tavares da Silva e Augusto Silva — dois amadores do desporto, dois elementos de superior valia na preparação técnica e orgânica do grupo representativo do futebol português.

FERNANDO SÁ



Tavares da Silva, dr. Mesquita Guimarães, director do Centro de Medicina Desportiva, e Augusto Silva, trocam impressões antes do jogo



A ILUMINANTE

Rvenida Almirante Reis, 6 • Largo do Intendente, 11 a 17

TELEFONES: 46186
46187

LISBOA

MATERIAL ELÉCTRICO
PARA TODAS AS INSTALAÇÕES

A CASA QUE OFERECE MELHORES PREÇOS E SERVIÇO COM A MELHOR GARANTIA

O Congresso dos Clubes de Ginástica

Raul de Oliveira, director do «Mundo Desportivo» fala-nos acerca desta iniciativa

A ginástica—base de todo o desporto—vai ser motivo de uma útil campanha, que o nosso prezado colega «Mundo Desportivo» tomou a iniciativa de promover: o Congresso dos Clubes de Ginástica.

A ideia, de inegável valor, se por um lado vai servir para congruar esforços tendentes a maiores e proveitosas realizações, será excepcionalmente útil para que uma propaganda intensa se desenvolva e dê à ginástica o merecido incremento e, o que é deveras importante, as necessárias condições para que a sua acção possa ser elevada a um nível de superior categoria, isto é, que a par de uma maior actividade, através da qual muito maior seja o número dos que beneficiam dos exercícios ginásticos, a modalidade possa competir, em organização e em instalações, ao interesse que se pretende divulgar.

«Faça-se ginástica!» é o grito base deste movimento que Raul de Oliveira lançou com o entusiasmo e a dedicação de que sempre tem rodeado as suas ideias a bem do desporto.

A vista das bases já elaboradas, que hão-de reger esse Congresso, verifica-se que a iniciativa vai resultar proveitosa.

Entre muitos, um aspecto nos surge, já importante: a criação da Federação de Ginástica.

Esta campanha vem na altura própria. É certo que a prática da ginástica encontrou já o ambiente e a compreensão necessários para bem ser compreendido o seu valor. Trabalha-se. Há actividade.

Actualmente, em Lisboa, por exemplo, pode dizer-se que se faz ginástica.

O persistente trabalho de um Ginásio Clube Português, do Ateneu e do Lisboa Ginásio, para nos referirmos só aos clubes em que a ginástica tem a superioridade das suas actividades desportivas—aparece ao de cima, colhendo justamente os louros de uma vida inteira dedicada à propaganda e divulgação da educação física. Depois, a actividade da Mocidade Portuguesa, acompanhada excelentemente pela F. N. A. T., levando à salutar prática da ginástica respectivamente os rapazes das nossas escolas e os trabalhadores, rodeados pelo friso alegre

das raparigas que trabalham. Ao mesmo tempo, quase todos os clubes de desporto têm a funcionar classes de ginástica. O ambiente portanto é bom, e, por isso mesmo, a iniciativa de «Mundo Desportivo» chega na hora própria.

1.600 alunos estão frequentando as classes do Ginásio, Ateneu e Lisboa Ginásio

Numa rápida visita aos três prestigiosos clubes que à causa da educação física têm dado a sua melhor atenção, constatamos a razão de podermos afirmar o bom interesse que há pela ginástica.

No Ginásio Clube Português, fazendo justo alarde dos seus pergaminhos na causa da educação física em Portugal, encontramos um movimento excelentemente orientado e um trabalho profícuo. Além de que o glorioso clube de Luís Monteiro já inscreveu nas suas classes, desde a sua fundação, milhares de indivíduos, e actualmente nas suas salas mais de 600 alunos animam as diversas classes, assim divididos: Homens, 470; senhoras, classe educativa, 40; classe rítmica, 22; meninas, 20; rapazes, 37; meninos, 35, classes estas orientadas pelos professores Curt Johansson, Júlio Repreza, José Maria, Fernando Ferreira, Liesel Mertens, Ângelo Mendonça e capitão Pais Soares.

No Lisboa Ginásio Clube o movimento é grande. Cerca de 700 alunos estão inscritos, divididos por 18 classes, destacando-se os garotos, que, pela sua afluência, tiveram de ser divididos em três grupos. Além das classes mistas, estão em actividade três classes de homens e duas de senhoras.

O grupo de professores está formado pelos capitães Celestino e Alberto Marques Pereira e Veiga Cardoso, João de Moura e Sá, Anibal Ramos e Kourt Jausen.

O Ateneu Comercial de Lisboa mantém igualmente franca actividade; mais de 300 alunos; 184 na classe de homens; 13 na de adolescentes; 49 na de senhoras; 17 na de meninas e 38 na classe infantil.

Francisco Gascon, dr. Augusto Raposo, Moura e Sá, dr. Pina Lopes, Alvaro de Jesus, Friedl Waschmann e Maria de Lourdes Talha são os professores.

Algumas palavras de Raul de Oliveira acerca do Congresso dos Clubes de Ginástica

Pedimos a Raul de Oliveira algumas palavras acerca do Congresso dos Clubes de Ginástica.

— Por enquanto trabalha-se na organização desta iniciativa do meu jornal, com o apoio dos clubes e a valiosa assistência da Direcção Geral dos Desportos, distinguindo e honrando a nossa iniciativa com a colaboração valiosa do seu ilustre inspector de desportos, o nosso camarada dr. Salazar Carreira—diz-nos o director do «Mundo Desportivo».

É chegado o momento de se fazer mais alguma coisa em prol da ginástica em Portugal, seu progresso e expansão, com vista a todo o país, onde parece que só o futebol domina. E depois, é preciso lançar a grande campanha das necessárias instalações—o grande problema. E preciso ir junto dos poderes públicos demonstrar a força e a vontade que animam a actividade da ginástica no nosso país. Surgiu assim essa obra grandiosa que é o Estádio Nacional. Surgirá amanhã o necessário

para que a ginástica em Portugal se apresente plena de expansão, movimento, alegria, sem as preocupações constantes para os professores e monitores, que se vêem aflitos para bem desempenharem a sua missão.

— Prevê esses bons resultados com a realização do Congresso?

— Estou esperançado que assim seja. O ambiente que á nossa volta se formou é dos melhores.

Pense-se sobretudo neste pormenor, importantíssimo. Enquanto os clubes não tiverem por base da sua actividade a ginástica, o problema está errado. A ideia do Congresso é ajudar a resolver esse problema e todos os que forem necessários para um maior, prestigioso e benéfico desenvolvimento da educação física em Portugal.

— Sobre a Federação da Ginástica.

— Impõe-se como uma necessidade para a coordenação de todas as actividades da ginástica.

— Em que data se efectuará o Congresso?

— Em principio pensamos levá-lo a efeito na segunda quinzena de Maio. Será uma altura ideal para realizarmos uma série de iniciativas que acompanharão o programa do Congresso.

Enfim, estou esperançado em que se encontre alguma solução que possa satisfazer os justos e merecidos interesses da ginástica em Portugal—diz-nos Raul de Oliveira, ao terminar as suas palavras acerca dos trabalhos iniciais do Congresso dos Clubes de Ginástica.

Fernando Sá

O Campeonato de Júniores da A. F. L.

vai entrar na fase de maior interesse

A primeira fase do 10.º campeonato de júniores da A. F. L. ficou concluída no último domingo, após uma jornada que era aguardada com muito interesse e que, pela maneira como decorreu, constituía excelente fecho das eliminatórias.

Do fim de dez «rondas» ficaram designadas as oito equipas que continuam a poder pensar na conquista do título. Indiquemo-las desde já. Como vencedoras de série: Cascaiteira, Benfica, Belenenses e Estoril; como segundas classificadas: o G. D. da C. U. F., o Sporting B, o Chelas (que foi terceiro, mas beneficiou da circunstancia do Benfica B ser segundo) e o Cascais.

O programa da derradeira jornada da primeira fase campriense integralmente. Nota a focar: das dezasseis equipas que se exibiram, nove não conseguiram marcar «goals». E em dois desafios nem um só tento foi marcado.

Na série 1, o encontro Cascaiteira-Sporting A proporcionou luta renhida durante os 60 minutos. O empate (0-0) constituía resultado deveras lisonjeiro para os rapazes de Campolide. Quer dizer: os «leões» foram pouco afortunados, pois a supremacia que evidenciaram dava-lhes jus ao triunfo.

E para maior «pouca sorte» do Sporting, o G. D. da C. U. F. logrou vencer, em Sintra, por uma

diferença de «goals» que lhe assegurou o segundo lugar.

Foi na segunda série que se registou o desfecho mais surpreendente da jornada. Embora fosse de admitir a vitória do Sporting B sobre o Palmense, não se calculava que ela viesse a ser tão expressiva. Muito pôde a vontade firme dos jogadores!...

No outro desfilio, ama das equipas favoritas do campeonato, o Benfica A, creditou-se de excelente resultado contra o Tarujense (10-0). Nem admira... se jogou o primeiro contra o último.

Na terceira série, a luta entre o Benfica B e o Belenenses A teve loros de sensação, não obstante os dois clubes estarem já aparados para a fase final. A contenda teve o desfecho previsto, em face das anteriores exhibições das duas equipas.

Equilibrado o desafio Sacavenense-Marvilense, que deu ao primeiro destes grupos o primeiro ponto para a classificação.

Na quarta série, o Atletico não conseguia realizar os seus intentos. Venceu nitidamente o Oelras (0-0), mas isso só lhe teria servido se o Cascais não lograsse vencer o Belenenses B (2-1). Se o resultado obtido pelos alcantarenses pode considerar-se normal, já o triunfo cascaense não foi o que se esperava—pouco expressivo.

D. D.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número . . .	2\$00
3 meses, Esc.	26\$00
6 » »	52\$00
12 » »	104\$00

Paris e Praga fazem um empate

NA capital francesa, os grupos representativos da Cidade Luz e da antiga capital da Boêmia lutaram com denodo, marcando um tento cada lado.

O onze parisiense principiou o jogo efectuando ataques sucessivos contra as redes checas. Distinguiu-se na linha dianteira o trabalho de Aston.

Depois, os pragueus reagiram e aos 33 minutos conseguiram marcar seu único goal: Riha escapou-se, centrou com precisão e Ludl rematou colocadamente.

Durante a segunda parte os franceses batalharam para anular a desvantagem sofrida. Aston e Mongiorni, obrigando o guarda-meta checo a um mergulho audacioso, puderam, apesar disso, marcar o ponto ansiado.

Até ao apito final manteve-se o resultado, salientando-se o soberbo trabalho defensivo dos visitantes. Finek, guarda-redes da selecção de Praga, foi o herói da jornada, à qual assistiram 35.000 espectadores.

EM INGLATERRA

O Campeonato das Ligas

PROSSEGUIU o campeonato das Ligas Profissionais, realizando-se alguns jogos de pouca importância para a pontuação. Na Liga Norte, o Sheffield United continua à cabeça, com o Everton na peugada e o Chesterfield atrás. O primeiro derrotou o Liverpool por 3-0, mas Everton, jogando fora de casa, consentiu num empate a zero bolas com S. Wednesday. O Chesterfield perdeu ante o Burnley por 3-1, igualmente no campo do adversário.

O maior resultado, o mais bombástico, coube ao Bradford, que marcou 9 tentos nas redes de Leeds, encaixando por sua vez quatro bolas.

Na Liga Sul, Charlton e Birmingham (semi-finalistas da Taça de Inglaterra) continuam à frente com igual número de pontos, embora o primeiro tenha menos um jogo no seu activo. Seguem-nos, a curta distância, o Derby County e o Aston Villa, a um ponto de intervalo, mas com mais dois jogos do que o testa de fila da série.

O Birmingham perdeu, no entanto, com o Plymouth por 1-0 e o Charlton empatou a um tento com Brentford. O mesmo sucedeu ao Aston Villa, igualando a duas bolas o resultado com Millwall.

Só Derby County, vencendo folgadoamente Coventry por 3-0, saiu airoso da experiência.

As probabilidades de Sheffield United, com Jimmy Hagan em grande forma, crescem sensivelmente e apontam-no como favorito na sua Liga.

CAMPEONATO DE ESPANHA

Boas vitórias do Sevilha, Alcoyano, Espanhol e Aviacion

OS resultados da última jornada proporcionaram-nos algumas supresas. As vitórias do Sevilha sobre o Oviedo, do Aviacion contra o Real Madrid, do



NOTA DA SEMANA

NÃO há memória de semelhante desastre na longa existência do futebol britânico. Trinta e três pessoas mortas por asfixia e esmagamento, além de quinhentas feridas com maior ou menor gravidade constituem impressionante e lamentável balanço necrológico e hospitalar!

O enorme interesse popular, aciculado pela excitação dos últimos jogos da Taça de Inglaterra e as relativamente exiguas acomodações dos campos — nos quais cinquenta mil espectadores podem instalar-se — explicam o triste acontecimento.

O campo do Bolton Clube ficou assinalado tristemente, e da memória daqueles que sofreram, como dos que hoje veslem luto por parentes e amigos, não sairá tão depressa lembrança de tal calamidade.

Produziu-se, porém, no espírito popular, uma reacção grande a favor das vítimas. O Governador Civil abriu logo subscrição e o clube contribuiu com mil libras. De todos os lados choveram, e continuam chegando, dádivas para lenitivo dos sinistrados. A lotação dos terrenos ficou reduzida, só podendo ingressar neles quem tiver adquirido bilhetes com antecedência, em vez de ser permitido passar pelos torniquetes pagando os zelins da entrada.

O Bolton Disaster Fund cresce de dia para dia e, nos dias de jogos, verdadeiras montanhas de moedas tombam nas maletas dos pedilóris.

Há, todavia, uma grande lição a tirar deste triste e infausto acontecimento, lição que as massas populares devem aprender de cor e a policia de segurança pode estudar o tempo. Temos assistido, em Portugal, a verdadeiros actos de brutalidade e desprezo pelo semelhante, no decurso de manifestações desportivas de grande atracção. No dia em que, por escassez de espaço e ansia de se instalar, o líbboeta dê largas ao seu egoismo, pode succeder desastre parecido com aquele que enlutou o futebol britânico.

A repressão prévia e o castigo daqueles que manifestam brutalidade, empurrando, comprimindo e furando, sem aguardar que chegue o seu momento, pode prevenir e evitar muitos insuccessos.

Rafael Barradas

BOXE

Medina, em vencedor, perde o campeonato europeu dos levíssimos

TEODORO MEDINA, bronzado cigano francês que ostenta o título de campeão nacional dos «mínimos» e «levíssimos», perdeu lamentavelmente o campeonato da Europa por golpe baixo.

A luta travou-se em Londres. O titular inglês, Jackie Patterson, estava sendo dominado e já havia tombado no solo cinco vezes, quando o golpe, possivelmente definitivo, o alcançou abaixo da linha de cintura.

No primeiro assalto as coisas estiveram equilibradas. No seguinte, Patterson dominou ligeiramente pelo poder dos seus golpes; depois, levou uma boa dose de pancadaria.

No 6.º assalto, Medina achou-se sacudido fortemente. Daí em diante o inglês só procurou colocar socos duros, mas no oitavo período encaixou violentos golpes no estomago e tombou na lona quatro vezes. A vitória por fora-de-combate desenhava-se, quando o golpe definitivo acertou baixo demais. O árbitro desqualificou o pugilista francês.

Em Espanha, Garcia Alvarez derrota a Juanito Martin para o campeonato

EM Valência, jogaram para o campeonato de Espanha dos meio-médios Garcia Alvarez e Juanito Martin. A vitória coube mais mais uma vez ao primeiro nomeado, por pontos, revogando assim a derrota recentemente sofrida às mãos do mesmo antagonista.

Inacio Ara e Arceniega fizeram o combate de semi-fundo.

RUGBY

Brilhante vitória da Inglaterra sobre a Escócia

EM Twickenham travou-se soberba luta entre os quinze jogadores de balão ovóide escoceses e ingleses.

Durante a primeira parte o team nacional escocês dominou amplamente. Logo aos 15 minutos, Innes, recebendo um passe excelente de Munro, correu a marcar ensaio.

Alcoyano contra o Atlético Bilbao e do Espanhol sobre o Valência, são de festejar.

1.ª Divisão:

Aviacion ... 3	— Madrid ... 1
Alcoyano ... 3	— Bilbao ... 2
Espanhol ... 4	— Valência ... 0
Gijon ... 0	— Múrcia ... 2
Sevilha ... 3	— Oviedo ... 0
Castelón ... 1	— Barcelona ... 1
Celta ... 4	— Hércules ... 2

2.ª Divisão:

Ferrol ... 0	— Corunha ... 1
Saragoça ... 2	— Santander ... 0
Córdova ... 0	— Tarragona ... 1
S. Sebastian ... 3	— Betis ... 1
Xerez ... 3	— Ceuta ... 0
Sabadell ... 0	— Granada ... 0
Salamanca ... 3	— Maiorca ... 1

Cinco minutos mais tarde, Bruce lançou-se na corrida, captando um balão de Elliott e marcou segundo ensaio entre os postes. Geddes converteu sem dificuldade.

A poucos instantes do intervalo, Zumsden foi placado por Heaton, justamente a dois metros da linha, evitando terceiro ensaio.

O grupo inglês parecia irremediavelmente vencido e hipnotizado. Por um capricho do Destino e pela tenaz persistência dos jogadores, a Inglaterra mudou de processos na segunda parte.

Hall melhorou imenso e Moore mostrou-se cada vez mais brilhante, e o capitão do quinze, Heaton, encorajando sempre com o exemplo os seus colegas, excitou a tal ponto o conjunto que os fados mudaram.

Um pontapé sobre balão lançado, a 30 jardas, foi passar directamente sobre a trave. Daí até final o trabalho do grupo inglês não tem descrição. Uma penalidade a 30 metros, marcada em lugar enviesado e difficil, foi transformada por Heaton e, alguns minutos depois, Carr marcou um ensaio, que Heaton, mais outra vez, transformou.

Quando se ouviu o apito final a Inglaterra ganhava por 12 pontos a 8, e tinha-o feito brilhantemente.

NATAÇÃO

Uma nadadora holandesa bate recordes

HANNIE TERMEULEN, componente do primeiro grupo de «condinas» holandesas que visitaram Londres, navegou pelas águas da piscina de Marshall Street, percorrendo 100 jardas em 1 minuto e 1 segundo (estilo livre). O record britânico foi batido por 3/5 de segundo.

Outra colega, let van Feggelen, ganhou as 100 jardas (costas) em 1 minuto 10 e 2/5.



A entrada dos dois grupos no terreno



A habitual cerimônia da escolha do campo



O árbitro Carlos Canuto, os dois juizes de linha e os capitães



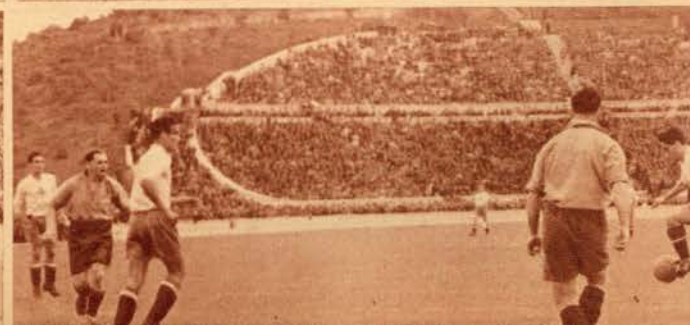
Corqueira volta uma avançada do extremo esquerdo inglês



Rogério domina o defesa direito inglês



Rogério e o médio direito inglês parecem assustados...



Salvador domina a bola, com habilidade, e Araujo prepara-se para a receber

UMA SELECÇÃO de jogadores portugueses combateu ao grupo da Esquadra Inalesa por 11-1



Bela atitude do defesa esquerdo inglês — embora a bola
fique nos pés de Patalino

Capela vai defender uma bola alta. E com segurança



Uma boa defesa de Bennett, carregado por Patalino



Um dos «goals» que entraram na baliza de Bennett. Araujo
foi o autor — mas não se vê na gravura



Patalino domina a bola no ar



PRELIMINARES DE NOVA ÉPOCA

presumivelmente prometedora

NOS primórdios de uma nova temporada, para o hoquei em patins antolha-se porvir radioso—tanto ou mais que nas épocas anteriores. Tado faz crer que assim seja. Pelo menos, há a certeza de um entusiasmo latente, febril, índice seguro de que a modalidade continua a contar com o favoritismo do público e o beneplácito das esferas oficiais competentes. E este inrôito simples vem a propósito dos treinos da selecção nacional.

Em Benfca, no ringue «Fernando Adrião» — am símbolo do hoquei, e, até, do desporto português—verifica-se interesse e animação. O público aparece sempre, denotando curiosidade pelo trabalho dos presumíveis seleccionados; e não são somente os irmãos Serpas, Jesus Correia, Cipriano, Lopes, Bernardino ou Carlos Alberto os eleitos — pois, ali, não se distingue «cores»; também os outros (Pedrosa, Raio, Carvalho, Henriques, Velez, Correia dos Santos), têm seu quinhão de simpatia e contam com simpatizantes. Isto é, realmente, animador. Facilita até o trabalho do seleccionador Prazeres.

Referindo-o, prestamos justiça a ans e a outros, porquanto se nota que o hoquei em patins conta com público fiel e praticantes apaixonados.

Bem hajam todos.
Portugal—que tem am «nome» no campo do hoquei internacional —foi convidado para tomar parte no Grande Torneio das Nações, a primeira competição que se disputa, no estrangeiro, depois de 1939. Efectuar-se-á em Montreux, na Suíça, de 19 a 22 de Abril. E nesse torneio devem tomar parte, além da Suíça e de Portugal, a Bélgica, a França, a Inglaterra e a Itália.

Será, por consequência, como que a reedição dos campeonatos da Europa — de sadosa memória... O nome do nosso país não ficou olvidado; e ainda bem. Que os futuros representantes do hoquei português (Cipriano ou Pedrosa; Lopes, Sidónio, Olivério, Correia ou Carvalho?) saibam dignificá-lo, honrando, assim, velhas tradições.

A actividade hoquistica não começa só com os treinos da selecção nacional (de Lisboa... e arredores?) e a preparação das equipas de clube, pois que o campeonato lisbonense principiou também. É o vigésimo—quarto da série.

Nos anteriores (23) ficaram campeões: Benfca, 10 vezes — nove das quais seguidas; Futebol Benfca, 6 — três consecutivos; Hoquei C. P., 4 — as primeiras; Paço de Arcos, 2; e Sporting, ama.

De realçar, até por ser difícil conseguir-se igualdade, a proeza do Benfca, ao tempo em que o grapo daquele clube era quase a base da equipa nacional.

Convém recordar alguns nomes de esses grupos de antanho: Adrião, Adão, Prazeres, Maga-

lhães — cuja despedida se anancia para o ano corrente — Leonel, José Carlos, Carreira, Silvério, etc..

Diz-se que o Hoquei Clube vai regressar ás pugnas hoquisticas. Se fosse verdade... Um clube de tantas tradições é sempre benvido. Oxald volte a animar os ringues de patinagem.

E o Sporting? Por que se não procura arranjar quem se interesse pelo hoquei a-dentro do clube dos «leões»? Com um pouco de boa vontade — talvez não fosse difícil... É só questão de tentar. Valeq?

Zanazoo e Crozas, dois jogadores helvéticos que estiveram entre nós, com o Montreux, em 1945, abandonaram a actividade. São autênticas perdas para o hoquei suíço — pois Zanazoo tinha mais de 100 selecções e Crozas era o Adrião da Suíça.

Sesta-feira pretérita, no Ateneu Comercial, procedeu-se à distribuição de prémios da época finda. Iniciativa da Federação e festa simples mas altamente significativa.

ALÉO JUNIOR

HOQUEI EM CAMPO

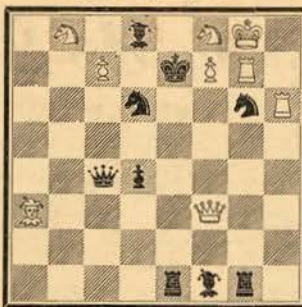
VARIAÇÕES... sobre um tema antigo

EM todas as modalidades desportivas, as épocas sucedem-se, com ritmo quase igual, pois que, a bem dizer, não há «novidades» de ano para ano. E agora, então, nem sequer existe o atractivo de mudanças de situação, quanto a jogadores, de uns clubes para outros. Pelo menos — tem sido assim... Claro que o hoquei em campo não podia constituir excepção à regra. Antes pelo contrário, porquanto é desporto dos chamados pobres, quase sem público e com um número escassissimo de praticantes. Houve-os fiéis? É certo. Mas quão longe isso vai... Hoje, porém, tal número é infinitamente inferior ao de quase uma década para cá.

Começou, com efeito, um novo campeonato de Lisboa de hoquei em campo. Mas com igual quantidade de clubes — de há três ou quatro anos — e quase com os mesmos jogadores de sempre. Francamente desolador. E triste. Muito triste. E' esta a «panorâmica» actual da modalidade. Mas, pergunta-se, não haverá remédio para sarar mal tão endémico? Onde estão as antigas dedicações — e que tanto impulso deram à modalidade? Parece-nos que não seria muito difícil reunir os amigos do hoquei, veteranos que sabem, muitissimo bem, compreender as necessidades da ocasião.

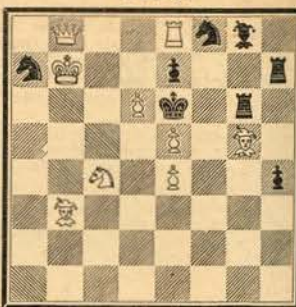
No Porto, o entusiasmo recrudescer, e não só os praticantes aumentam. O público sabe acarinhar a modalidade — emprestando-lhe, domingo-a-domingo,

«Sem Lema II»



2 X

«Mics»



2 X

O nosso Concurso Internacional de Composição

Devido, provavelmente, a dificuldades nas comunicações, chegaram-nos, com certo atraso, as diltmas produções para o nosso Concurso. O número definitivo dos originais admitidos elevou-se, assim, a 99. Seguidamente, e a título informativo, damos a público a lista dos autores, pela ordem alfabética dos respectivos nomes:

Dr. Carlos Elenório de Almeida, de Lisboa (6 problemas), Fer-

nando Pratas de Almeida, Lisboa (2), E. Paig Ambrós, Badalona (1), A. F. Arguelles, Barcelona (1), José Agües, Valência (1), Jorge Breu, Barcelona (3), Cristóbal Carrió, Baleares (2), Oscar Pires de Carvalho, Lisboa (3), P. ten Cate, Holanda (1), P. B. van Dalfsen, Holanda (1), E. Diard, França (1), M. Domain, França (1), Paul Dujardin, França (3), J. J. Ebben, Holanda (4), P. Eerkes, Holanda (3), Raymond Generes, Bélgica (1), C. Goldschmedding, Holanda (2), J. G. Mariz Graça, Coimbra (5), G. Jonker, Holanda (1), A. M. Koldijk, Holanda (3), R. Llorens, Mach, Barcelona (1), Juan Raiz Luque, Jaén, Espanha (1), C. Mansfield, Gran-Bretanha (2), Georges Malhot, Bélgica (3), José Castro e Melo, Amadora (4), F. W. Nanning, Holanda (2), Rai Nascimento, Lisboa (3), G. J. Nieuvelt, Bélgica (2), Raul Soares Nobre, Aveiro (1), João de Oliveira, Póvoa de Varzim (1), Edouard Pape, França (3), Jélio Pérís, Valência (2), B. Posima, Holanda (2), Fernando Rebório, Madrid (2), Jorge Sotto Mayor Rego, Porto (4), J. J. Rietveld, Holanda (1), A. Romero Rios, Saragoça (2), Vasco C. Santos, Lisboa (2), J. Seilberger, Holanda (2), António Serra, Lisboa; Albert Servais, Bélgica (1), Artur Pereira da Silva, Venda do Pinheiro (2), Dr. Monteiro da Silveira, Rio de Janeiro (1), Marcelo Soares, Póvoa de Varzim (1), José Casimiro Vinagre, Lisboa (1), E. Visserman, Holanda (1), H. J. Vleugels, Holanda (3), F. de Vos, Holanda (2).

Eis mais alguns números:

Portugal — 14 compositores, 33 problemas; Holanda — 14 compositores, 28 problemas; Espanha — 11 compositores, 17 problemas; França — 6 compositores, 10 problemas; Bélgica — 5 compositores, 8 problemas; Gran-Bretanha — 1 compositor, 2 problemas; Brasil — 1 compositor, 1 problema.

Chamamos a atenção de todos os problemistas de Portugal para o próximo número da *Stadium*, em que publicaremos as bases do Campeonato de Portugal de Problemas, promovido pela nossa Revista.

A. K. Belo

A SECÇÃO DO SPORTING

vai ser dirigida por um professor do I. N. E. F.

Mário Moniz Pereira expõe o seu plano de trabalho

O atletismo sportinguista tem sido sempre, através de toda a história da modalidade, um dos mais fortes núcleos activos e preciosa escola de trabalho, propagação e aperfeiçoamento de campeões.

Desde a construção da sua pista no Lumiar, precioso serviço prestado ao atletismo lisboeta, o clube dos «leões» sentia acrescidas as suas responsabilidades e acautelou-se na preparação técnica das suas equipas. Em 1945 o cargo de treinador foi confiado ao professor Lélío Ribeiro, diplomado pelo I. N. E. F. e amigo dedicado da colectividade; este ano, tendo concluído o seu curso no Instituto Nacional de Educação Física um dos mais antigos — antigo porque começou cedo, pois é sócio do Sporting desde o dia em que nasceu — atletas praticantes no clube, os dirigentes resolveram muito naturalmente, e sem desprestígio para quem antes dera tão boas provas do seu esforço, entregar-lhe a orientação técnica da secção de atletismo leonina. Trata-se de Mário Moniz Pereira, que eu conheço de criança e que fez do culto do atletismo a grande paixão da sua vida; estudioso, entusiasta, competente — obteve nas cadeiras de desportos as mais altas classificações concedidas no I. N. E. F. — a experiência em que vai empenhar-se é digna de ser acompanhada com interesse, se lhe forem concedidos os meios de acção indispensáveis. Qual o critério a que irá subordinar o

seu ingrato papel? Quais os elementos com que conta e como os aplicará?

Eis o que nos pareceu de interesse perguntar ao professor Moniz Pereira; ouçamo-lo.

— Como o doutor sabe, foi a minha grande paixão pelos desportos e principalmente pelo atletismo que me levou a tirar o curso do I. N. E. F. Pensei sempre em ser um dia treinador de atletismo e por isso especializei-me neste belo desporto, tendo defendido tese sobre «Lições de Desportos Atléticos e sua Ginástica Desportiva» na mea exame final do curso. Pode calcular com que satisfação recebi da Direcção do Sporting a proposta de assumir a orientação das suas equipas. Se o papel de treinador é para mim agradável, exercê-lo no meu próprio clube, que represento há oito anos em várias modalidades e donde sou sócio há vinte e cinco, isto é, desde que nasci, é um prazer. Devo, porém, esclarecer que desempenharei o meu cargo obsequiosamente, em virtude de querer continuar a pra-

ticar a modalidade, comprometendo-se o Sporting a dar-me preferência para o mesmo lugar no dia em que abandonar o desporto e me dedicar à proli-fissão.

— Qual a orientação que pensas dar ao trabalho de treino da secção?

— Apresentei à Direcção do clube o plano geral do meu trabalho. Em primeiro lugar, penso que não podem continuar as «férias» que os atletas fazem durante o Inverno todo. Normalmente, os atletas portugueses estão 3 meses em actividade e descansam 9... Como podem progredir assim?

Terminada a época de Verão, geralmente em meados de Setembro, os atletas descansarão

a divisão da equipa em corredores, lançadores e saltadores, pois julgo ser esta a única forma de poder treinar convenientemente. Doutra maneira, aparecendo-me a equipa toda ao mesmo tempo, cerca de uma centena de atletas de especialidades diferentes, não poderia atender a todos criteriosamente e acabaria por só preparar meia dúzia deles, o que não quero fazer de maneira nenhuma. Irei, portanto, todos os dias ao campo, se for preciso de manhã e à tarde, a fim de poder treinar todos de igual modo.

Este ano, dado o adiamento da época, não poderei cumprir integralmente o meu plano, mas para a próxima época nada lhe faltará.

— Continuas organizando torneios para sócios e simpatizantes?

— Sem dúvida, pois considero estes torneios de grande importância. Contudo, lá-los-ei, principalmente, em Setembro e Outubro, a fim de os rapazes que neles forem apurados poderem, também, seguir a preparação de Inverno.

— O Sporting organizará algumas provas?

— Em primeiro lugar, organizaremos os campeonatos de atletismo do Sporting entre todos os seus atletas, sendo o júri formado por elementos oficiais, a fim de poder ser homologado algum recorde nacional ou do clube que se bata. A este torneio, que terá lugar em meados de Abril, seguir-se-á a prova do «Atleta Mais Completo do Sporting», que será disputada num pentatlo. Considero estes torneios de grande importância para a criação da necessária solidariedade e espírito de equipa entre os atletas e para mostrar aos associados o valor da secção. Realizaremos, também, na sede, o maior número possível de palestras de divulgação técnica, no propósito de elevar o nível dos conhecimentos dos nossos representantes.

Em Agosto, depois do Portugal-Espanha, devemos organizar várias provas inter-clubes, para que a época de Verão não se resumia às provas oficiais.

— Como recebeu a Direcção do Sporting o teu plano?

— A Direcção do clube aprovou-o totalmente e tem-me dado todas as facilidades possíveis, demonstrando grande interesse pela modalidade. Por sua vez, os dirigentes da secção deram-me a máxima autoridade e liberdade de acção, pelo que espero, com a ajuda dos meus companheiros de equipa, fazer um trabalho sério e honesto, que dê ao Sporting mais alguma coisa do que ganhar campeonatos: uma base sólida e duradoura ao seu atletismo.

BASQUETEBOL

ESBOÇO DE NOVO REGULAMENTO

NA sede da Federação Portuguesa de Basquetebol procedem-se há dias ao sorteio dos jogos do campeonato de Portugal, a que concorrerem três grupos de Lisboa, dois do Porto e um de Coimbra.

Antes do sorteio resolveram os delegados dos clubes aprovar um novo regulamento da prova, que, por ser interessante, a valorizará muitíssimo.

Não é inoportuno, portanto, deixar um apontamento sobre a fórmula aprovada.

Por indicação do Belenenses e com a aprovação dos delegados do Vasco da Gama e do Atlético, foi apresentada uma proposta que constituía a próxima Divisão de Honra para o Campeonato de Portugal. Diz a proposta: A Federação Portuguesa de Basquetebol constitui a 1.^a Divisão do Campeonato Nacional nesta época e seguintes, com os clubes das associações regionais, a saber: Associação de Basquetebol de Lisboa — os três primeiros classificados da prova regional da época de 1945-46; Associação de Basquetebol do Porto — os dois primeiros classificados na prova regional da época de 1945-46; e Associação de Desportos de Coimbra — o primeiro classificado da prova regional da época de 1945-46.

Se o campeão regional das associações representadas na 1.^a Divisão incidir em um clube que se não encontre apurado

para disputar este campeonato nacional, disputará esse clube o seu ingresso nesta divisão, jogando com a equipa pior classificada no campeonato nacional.

Este jogo será feito em campo neutro na cidade dos dois clubes.

O campeão nacional da 1.^a divisão em nenhuma circunstância deixará de participar na 1.^a Divisão na época seguinte.

Se o campeão nacional for o representante de uma associação representada só por um clube e o campeão dessa associação for um clube diferente, este disputará o seu ingresso nesta divisão jogando em cidade neutra com o último classificado do campeonato nacional.

O campeão nacional da 2.^a Divisão disputará o seu ingresso na 1.^a Divisão, jogando com a equipa última classificada da sua região no campeonato nacional da 1.^a Divisão, e, na hipótese de se tratar do clube cuja associação não estiver representada na prova, o encontro de passagem será com o último classificado do torneio da 1.^a Divisão.

Os últimos jogos, entre o F. C. do Porto e o Vasco da Gama, no Porto, e o Belenenses e o Benfica, em Lisboa, despertaram extraordinário entusiasmo.

No campo do Lisgás, o Belenenses, campeão de Portugal, ganhou ao Benfica por 35-26. Esta vitória belenense abre-lhe excelente caminho. No Porto, o Vasco da Gama trianhou por 49-34.



Moniz Pereira em competição

até Novembro, altura em que serão inspeccionados e em que começaremos a preparação de Inverno, importantíssima sob todos os aspectos. A equipa será dividida em três classes, corredores, lançadores e saltadores, às quais será dada a respectiva ginástica especial, tri-semanalmente, no ginásio. Aos domingos de manhã, reunirei as três classes no campo atlético, onde farei, conjuntamente, cortamatos de quilómetros diferentes. Em meados de Fevereiro iniciaremos os treinos bi-semanais na pista, passando as lições de ginástica também para duas vezes por semana. Em meados de Março terminarão estas e começarão os treinos tri-semanais, que se manterão até à época das competições, altura em que a sua quantidade e intensidade diminuirão.

Nos treinos de pista manterei

Salazar Carreira

Imagens do jogo entre portugueses e ingleses



As entidades oficiais e o comandante da esquadra, assistem ao jogo



A bola sera de Grazina, a despeito da opposição do avançado-centro inglês



Engraçado: No fim do jogo, Araujo recebe um cantil de água do adversário e bebe, satisfeito...



A banda do «Nelson», toca algumas marchas, no meio do Estádio. A assistência aplaudia-o no fim



Uma excelente defesa de Bennett



Araujo, num admiravel salto, bate a defesa adversária



O defesa esquerdo inglês, opõe-se a Patalino



Um remate de Patalino, de cabeça



O «lvense» não perdia nunca a ocasião de rematar...

Uma ideia em marcha o Voo à Vela em PORTUGAL



O piloto Simão Aranha, director da Escola de Santa Iria



Um veletro «Baby» em pleno vôo sobre os terrenos de Santa Iria



Vista parcial da Escola



A residência do Director não destoa do conjunto das instalações



Os pilotos de vôo à vela Reinaldo Santos e Graça Reis



Logo após a aterragem, Simão Aranha confla ao nosso redactor as suas impressões do vôo

O «Voo à Vela» é um desporto moderno que criou raízes em todo o mundo e que vai ser praticado em Portugal, em larga escala, dentro daquele plano de aperfeiçoamento que o Secretariado da Aeronáutica Civil vem levando a efeito.

As poucas tentativas realizadas no nosso país para o desenvolvimento do curiosíssimo e salutar desporto não foram até agora, coroadas de êxito, mas era forçoso no entanto que o vôo à vela em Portugal saísse do regime de sonho em que vivia e passasse para o campo das realizações práticas. Reconheceu-o o organismo que dirige a nossa aeronáutica civil, que recebendo no seu seio os técnicos de que necessitava tornou já possível aquilo de que muitos deseriam — a montagem de uma Escola de Vôo sem Motor, num monte magnificamente localizado, que permite o vôo à vela em excelentes condições de êxito e de segurança.

Por amável deferência do director do S. A. C., tenente-coronel Humberto Delgado, foi-nos proporcionada uma visita aos terrenos de Santa Iria, onde se ultimam os trabalhos para a abertura da Escola que dentro de pouco tempo vai passar a brevetar centenas e centenas de rapazes, de todas as camadas sociais, que queiram dedicar-se ao novo desporto aéreo.

Os terrenos sábiamente escolhidos pelo aviador Simão Aranha, técnico de vôo à vela de comprovado valor a quem foi entregue a direcção da nova Escola, estão, como se disse, magnificamente localizados permitindo uma larga média de dias vôo. Basta que se diga que num veletro «Baby» já ali se voou com quatro metros e meio de velocidade de vento por segundo — medição absoluta confirmada — o que prova a excelência do local escolhido. São raros em todo o mundo os locais que permitem voar-se com tão reduzida velocidade de vento.

Quando chegámos a Santa Iria, acompanhados pelo aviador Reinaldo dos Santos, adjunto Chefe dos Serviços de Instrução do S. A. C., andava em caprichosas evoluções um dos dez veletros com que conta já a Escola, recentemente chegado de Espanha e ainda com a matrícula do país vizinho. Pilotava-o o director Simão Aranha que minutos decorridos veio aterrar junto de nós.

Com os dois pilotos e ainda com os aviadores Graça Reis e Lemos Peixoto, o primeiro dos quais será um dos instrutores da Escola de Santa Iria, percorremos depois as várias dependências ainda em acabamento.

Dormitórios para vinte alunos, magnífico refeitório, ampla cozinha, residência do director e dos instrutores, casa do motor e das baterias, «hangares», — tudo instalado em casas desmontáveis do tipo das usadas pela exército sueco, revelando excelente aspecto higiénico e extraordinário bom gosto.

A ladeira de descollagens é admirável tornando possíveis magníficas saídas.

Pensem os dirigentes da Escola tê-la em actividade em Maio próximo, logo que se concluem os últimos trabalhos de montagem e se busquem as dificuldades Euro-

(Continua na pág. 15)

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

IMPRESSIONOU bastante os amadores do futebol portuense o meu trabalho do F. C. do Porto no seu recente jogo contra o Alfélico, no campo da Tapadinha. As críticas são unânimes em declarar que os portuenses, quase de ponta a ponta, não convenceram e deram provas de inferioridade. Mais: — de algum desinteresse...

Aguarda-se agora que o conjunto do F. C. do Porto demonstre a sua capacidade noutras jornadas — mas julga-se algo difícil, se lhe faltarem ainda algumas das suas principais figuras.

♦ PERGUNTA-SE: — não tem o F. C. do Porto alguns bons jogadores na reserva? E... se for estudada nova composição, com três defesas: Alfredo, Camilo e Guilhar?

Por exemplo: Guilhar — avançado centro; Alfredo — extremo esquerdo; Camilo, interior esquerdo; Romão — interior direito; outro médio a escolher — extremo direito. O ataque precisa, pelo menos, de vivacidade, engodo e... poder de antecipação. Correia Dias está a deixar-se «marcar» de um modo errático; Araújo parece «distraído» nos lances de desmarcação; Gomes da Costa está sem treino (que pena!) e a extremo direito — Freitas não convence. Apenas Joaquim está dentro do seu valor.

Cautela, muita cautela...

♦ ONOFRE TAVARES, um moço que anda pelos 19 anos, conquistou o campeonato regional de 100 quilómetros. Excelente. Este Onofre, também produto da secção do F. C. do Porto, aluno de Aniceto Bruno, como foi Fernando Jorge Moreira, nunca nos enganou. Se for cuidadoso a preparar-se, olhando bem por ele próprio, e se conseguir «encaixar» bem os ensinamentos de Aniceto, pode garantir um bom lugar na velocidade nacional.

Isso desejamos sinceramente.

♦ A RIVALIDADE no basquetebol portuense continua impecável. O F. C. do Porto e o Vasco da Gama ainda na última semana lutaram com extraordinária energia, emocionando a numerosa assistência.

Faz bem ao basquete esta rivalidade. Os desportistas gostam e concorrem para que o torneio máximo tenha no Porto o melhor acolhimento.

PORTUENSES:
assinem a STADIUM

O caso do F. C. do Porto

VOLTEMOS ao assunto. O caso do Estádio do F. C. do Porto necessita de novos comentários, de mais agora, que a Comissão Pró-Campo, constituída pelos srs. Carlos Lelo, Domingos Ferreira e Sebastião Ferreira Mendes, apresentou a sua demissão.

A assembleia geral do F. C. do Porto, convocada pela direcção da importante colectividade, vai decidir sobre se foram ou não resolvidos convenientemente os mais variados casos a que estavam ligados uns e outros. Os sócios do F. C. P. conhecem o assunto convenientemente e por certo prestarão a devida justiça no ajuste de contas. Que bem escusavam de fazer-se.

Não sabemos se o incidente agora provocado poderá interromper a marcha das negociações entabuladas com a mais decidida boa vontade e admirável espírito de sacrifício. Houve na verdade sacrifício por parte de alguns desportistas mais dedicados à ideia de dotar o F. C. do Porto com um Estádio digno da sua importância.

Se não for preciso começar de novo, ainda poderá «salvar-se» o mal, que foi grande, sem dúvida alguma. Se não for preciso começar de novo, como dizíamos, por certo conseguirá a direcção do F. C. do Porto bater-se por sua

dama e dar aos sócios aquela satisfação que muito desejam.

Julgamos que a indicação de novas Comissões — esta foi nomeada há 10 anos! — não resulta eficaz e nem corresponderá de nenhum modo às necessidades do problema. Cairíamos novamente na estafada série de perturbações: — agora à volta da opinião de uns, — a seguir em presença das dificuldades inventadas por outros.

A questão necessita de ser atacada com certo cuidado. Agora principalmente. Por certo se compreenderá que o F. C. do Porto milita no grupo das colectividades grandes de Portugal, evitando-se que se afunde um projecto sério e a actividade desenvolvida por quem estava animada pelo propósito de bem servir.

Acabaram-se com certeza os atritos. A direcção do F. C. do Porto, a que preside o dr. Cesário Bonito, deve receber da assembleia geral o preciso voto de confiança — para continuar, para não perder o ânimo que a dissidência parecia vibrar-lhe.

Vamos a ver. Nem tudo se perderá, certamente. O principal clube do Norte não merece ser maltratado.

Todos devemos estar de acordo neste ponto.

Monte Negro Azul

A PRÓXIMA VISITA DO BENFICA

NO próximo domingo teremos no Porto um bom jogo. Pelo menos — a visita de um bom grupo. O S. L. Benfica, que, segundo nos dizem, está em magnífica forma, deverá proporcionar certamente um bom desfilio. É certo que o conjunto do F. C. P. não está actualmente em forma apurada. Ha muitos desfalhos, mesmo, que os azuis e brancos não correspondem aos desejos do seu público.

Todavia, é de sempre confiar nas possibilidades da equipa azul branca, que precisa de um resultado satisfatório. Deve essa obrigação ao seu público, que a acarinhava constantemente, que se bate pelo seu prestígio.

A jornada, bem se sabe, não é fácil para os portuenses. Mas, pelo menos, que o público assista a uma demonstração de vontade, se não pader ser melhor...

Diz-se no Porto...

Que Império Santos não correrá, esta época, pelo Salgueiros, preferindo manter-se inactivo.

Que Vítor Guilhar reaparece no domingo contra o S. L. Benfica, esperando-se por isso nova composição na equipa azul-branca.

Que, entretanto, não jogará Gomes da Costa, havendo quem aguarde a presença de Sousa (Pinga).

Que chegarão brevemente dois jogadores açorianos; — um para o F. C. do Porto outro para o Académico.

Que Catolino não jogará esta época.

Que a última organização do campeonato nacional de cross estabeleceu sério contraste com a que foi dado ver-se em Lisboa, no Estádio Nacional.

UM ATLETA portuense



O dr. Cesário de Moura Bonito preside à Direcção do F. C. do Porto. Mas o dr. Cesário Bonito não apareceu como dirigente de «última hora», visto que, antes de ocupar cargos no seu clube, — foi jogador de primeira categoria, de reservas — infantil.

Desde sempre, o dr. Cesário Bonito devotou-se à vida da sua colectividade. Ainda com poucos palmos de altura, já o Cesário Bonito se revelava uma dedicação, um espírito denodado, empreendedor. Vimo-lo nos conjuntos infantis. Depois — na reserva. Por fim, variadíssimas vezes, no grupo de honra, o dr. Cesário Bonito demonstrou boa categoria, junto de Valdemar, de Artur Sousa, de Acácio Mesquita, de Alvarito, de Siska e de muitos mais.

Mas a sua situação de estudante não o deixava, naturalmente, dedicar-se por completo ao jogo de futebol. Passou e estudou em Coimbra. Jogou no 1.º grupo da Associação Académica e na selecção da cidade universitária. Formado em medicina, regressou ao Porto. Principiou por ser médico do grande clube da sua vida...

Depois, apareceu o dirigente. Numa assembleia geral, foi eleito vice-presidente da direcção. Uma época mais tarde, ocupou a presidência. Actualmente, o dr. Cesário de Moura Bonito desempenha o seu cargo de modo que a messe associativa do seu clube considere e aplaude.

Nesta «questão» do Estádio do F. C. do Porto, o dr. Cesário Bonito tem demonstrado extraordinária persistência, dedicação sem limites. Infelizmente, viu a sua acção dificultada por uma série de atritos. Se o dr. Cesário Bonito conseguir o que pretende — bem irá ao F. C. do Porto. O presidente do importante clube nortenho sabe bem o que deseja e compreende admiravelmente a vontade dos seus consócios. Está com ele. E o dr. Cesário Bonito, antigo atleta, é bem o porta-voz das suas aspirações junto de quem de direito.

Um belo exemplo de desportivismo

POR uma informação vinda a lume no nosso prezado colega «Mundo Desportivo» soube-se de uma atitude tomada pelos dirigentes da secção de atletismo do Sport Lisboa e Benfica que dignifica o seu espírito de orientação desportiva e bem merece ser apontado como um exemplo do que devia ser em todos a compreensão da ideia que preside a todas as actividades desportivas: respeito pela lei, lealdade e isenção.

O caso resume-se assim: as fichas de novo modelo adoptado este ano pela Federação Portuguesa de Atletismo obrigam à apresentação do Bilhete de Identidade do atleta, o que não sucedia no modelo anteriormente em uso; como a distribuição das novas fichas foi tardia, as Associações Regionais foram autorizadas a receber, para efeitos de participação nas provas invernais de corta-mato, boletins nos moldes substituídos, devendo porém ser todos rectificados antes do início da temporada de pista. O Benfica, como os restantes clubes, inscreveu desta forma os corredores, providenciando para que se munissem do Bilhete de Identidade aqueles que ainda o não tinham e, por esta razão, pôde verificar que um dos seus melhores juniores já não podia pertencer à categoria por haver ultrapassado a idade limite de 25 anos; imediatamente o comunicou à entidade regional para que fosse eliminado das classificações oficiais nas provas que disputara no decurso da época, o que custa ao clube o título colectivo da categoria, que fora involuntária, mas irregularmente conquistado.

O procedimento dos dirigentes benfiquenses, antecipando-se espontaneamente à sanção dos federativos, que seria fatal quando lhes chegasse às mãos a nova documentação de registo, faz-nos pensar nos erros susceptíveis de ser cometidos sem possibilidades de averiguação dos responsáveis.

O regulamento, já em vigor há muitos anos, fixando o limite da categoria dos juniores nos 25 anos, obrigava os dirigentes a verificar no boletim de inscrições a idade dos candidatos; perante este caso, que o desassombro do desportivismo dos benfiquenses revelou, surge-nos em espírito a interrogação de como foi ele possível?

Só duas hipóteses são admissíveis: ou o corredor enganou na data do nascimento, ou o director encarregado da conferência não o fez com o zelo desejável.

Não nos repugna aceitar que, no passado, outros casos semelhantes tenham passado em claro, sem culpas para ninguém, talvez nem mesmo para o próprio atleta, que pode estar em erro sobre a idade real. Isto demonstra, conclusão a que queríamos chegar, quanto era necessária a reforma nos boletins de inscrição agora estabelecida pela Federação.

Os "mais de dois metros"

QUANDO se assiste a um concurso de saltos em altura e a barra sobe a um nível que supera a estatura dos concorrentes e dos juizes que praticam as medições, sente-se irresistivelmente forte impressão de respeito e pasmo pelo valor atlético do homem que vence a pressão esmagadora da gravidade. Suponha-se agora qual seja a reacção do espectador que presenciar o voo de um saltador por sobre a barra colocada a dois metros do solo.

Foi em 1921 que semelhante proeza foi conseguida pela primeira vez no Mundo e foi seu autor o americano Horine, o homem que pelo seu êxito divulgou e celebrou o estilo do rolamento californiano; julgou-se então que se tratava de caso excepcional, que não cedo não encontraria sucessor. No entanto, até hoje, o recorde subiu 11 centímetros e não se passa ao sem que à lista dos «mais de dois metros» se não juntem mais algumas unidades.

Quantos serão os saltadores em altura que transpuseram oficialmente mais de dois metros? A pergunta surgiu há dias, no decurso de uma conversa entre apaixonados do atletismo, e veio até nós em busca de resposta. A consulta foi transmitida ao nosso colaborador técnico, dr. Salazar Carreira, que nos forneceu prontamente os elementos que seguem: nos seus arquivos constam 53 nomes, dos quais 38 são de americanos, com a possibilidade de haverem escapado alguns às suas porfiadas investigações.

O recorde mundial pertence a Steers com 2,111, segundo-se-lhe: Stewart, 2, m, 104; Walker 2, m, 09; Albritton e Johnson 2, m, 07; Marty e Wilson 2, m, 065; Berry 2, m, 05; Boydston e Horn 2, m, 04, todos americanos.

O recorde europeu pertence ao finlandês Kolkas, também com 2, m, 04, e o rol continua com nova série de americanos: Osborn 2, m, 38; Spitz, Burke, Cruter, Walters, O'Rourke, Walkins, Walkins, Sheffield, todos com 2, m, 03; Coffmann 2, m, 025; Thurber e Smith 2, m, 02; Beeson e Wiesner 2, m, 015.

Com esta última marca surge o segundo homem que não pertence aos Estados Unidos: é o sul-africano Barnes.

Transpuseram 2, m, 01 os americanos Allen, Brown, La Cava, Thomson, Spencer, Devall e Donovan; o finlandês Kalima, o russo Kortun e o alemão Nocke, que realizou a sua proeza no fim da guerra, em 1944.

Para completar a lista faltam: com 2, m, 005, os americanos Horine, Ward; os japoneses Asakuma e Tanaka; o australiano Metcalfe, o finlandês Nichlen e o húngaro Bodossi; com 2 m; exactos, os americanos Mallory, King, Greene, Tally e Eddleman; o norueguês Slal, o filipino Toribio, o sueco Oedsmark e os japoneses Akamoto e Oda.

AO campeonato regional em curso veio juntar-se no domingo o interessante campeonato de juniores, que nesta terceira edição reuniu cinco clubes e seis equipas. O Sporting apresentou com efeito dois grupos, que disputam a prova independentemente, e a sua iniciativa mereceu em princípio caloroso aplauso, porque permite manter em actividade maior número de novos elementos e a modalidade necessita bem de intensificar o recrutamento de praticantes para renovação de quadros.

Na prática, porém, a decisão dos dirigentes sportingistas não pode dispensar uma crítica, porque não corresponde ao espírito que era lógico atribuir-lhe: proporcionar o prazer da competição a maior número de rapazes adestrados na sua escola de andebol, devidamente preparados nos preferidos na equipa principal pelas camarádas mais habilidosas.

Assistimos ao encontro que a equipa B dos «leões» sustentou contra o Benfica; a impressão colhida foi desagradável, pois em vez do conjunto apenas modesto e inexperiente que esperamos acompanhar com simpatia, deparou-se-nos um grupo cheio de boa vontade, mas ignorando por completo a mecânica do jogo, o maneio da bola e a acção de que estão incumbidos no terreno. O Benfica, seu adversário, teve vitória demasiado facilitada para que se ajuize do seu real valor; no entanto, o aspecto físico dos jogadores é excelente e o avançado-centro pareceu ser forte e perigoso remelador.

Sobre as restantes equipas, das quais o Sporting A venceu facilmente o Almadenes e o Belenenses se desembaraçou a custo do Marvilense, falaremos quando nos

for dado presenciar a sua actividade.

O campeonato dos grandes prosseguiu sem surpresa para os candidatos aos postos superiores, mas o mesmo não sucedeu em relação aos candidatos aos lugares da cauda da futura Divisão de Honra, entre os quais a derrota sofrida pelo Internacional em frente do Almada deve ter sido implacavelmente comprometedora para as suas aspirações.

A situação real dos clubes, no que se refere ao importante terceiro lugar que dá direito a entrar no campeonato nacional, é de momento bastante confusa em virtude de suspensão de alguns jogos: Benfica-Belenenses, adiado por causa da chuva; Os «Treze»-Marvilense, que o árbitro se recusou a dirigir por falta de policiamento e terá de repetir-se porque se averiguou que não cabiam culpas ao proprietário do campo; por último, Benfica-Marvilense, pendente de um protesto apresentado pelos «encarnados».

Também se mantém ainda nebulosa a organização dos encontros Porto-Lisboa, pois o acordo entre associações está sendo difícil. Seguindo as mais recentes informações, o organismo portuense dirigiu ao seu congénere da Capital um ofício que este apreciou com pouco agrado, considerando-o incompatível com a sua dignidade, respondendo-lhe que julga condição indispensável para o estabelecimento de quaisquer acordos a existência de mútua e leal confiança.

Esperemos que as coisas se compunham em regime de recíprocas concessões, para que não sejamos privados do mais importante e atractivo acontecimento da época.

José de Eça

Voo à vela

(Continuação da página 13)

cráticas que sempre surgem com iniciativas deste género. Uma vez iniciados os cursos, tirar-se-ão ali os certificados A B e C de voo à vela, brevetando-se todos aqueles que o desejem e que estejam nas condições previamente estabelecidas, isto é, que tenham entre 16 e 26 anos de idade e possuam, como habilitações literárias mínimas, o exame de instrução primária. A instrução e a alimentação são inteiramente a expensas do Secretariado da Aeronáutica Civil, o que é de extraordinária vantagem para os que, embora menos abonados, se queiram dedicar à prática do voo sem motor.

Não é difícil prever o rápido desenvolvimento do voo à vela em Portugal. Os adeptos do novo desporto são já às centenas — prova-o o número de inscrições já recebidas no S. A. C. — e o espírito orientador que presidiu à ideia será realizado na íntegra

pelos técnicos competíssimos a quem a missão vai ser confiada, todos eles possuidores de conhecimentos apreciáveis conseguidos em muitas horas de voo, não só em Portugal como no estrangeiro, onde se especializaram com magníficas classificações.

A mocidade de Portugal vai poder riscar os espaços e sulcar os ares entre o céu e a terra, satisfazendo assim a sua ansia de voar. Pobres e ricos encontrarão magnífica oportunidade de satisfazer o seu desejo, porque a hora da aviação chegou finalmente no nosso país e o organismo que dirige a aeronautica civil lhes proporciona o meio de o poderem fazer sem mais delongas.

O espaço está aberto dentro de poucos dias para os veleiros de Portugal! Confie nos técnicos que vão dirigir a modalidade e que saberão emprestar-lhe o melhor da sua competência e do seu verdadeiro e são entusiasmo.

Antas Teixeira

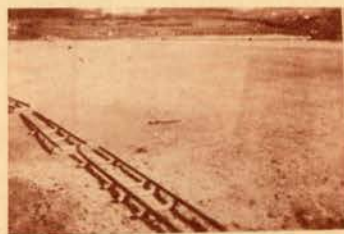


ESTARREJA VAI TER UM BOM CAMPO

No distrito de Aveiro, quase todos os concelhos possuem bons grupos desportivos. Ovar, Espinho, S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Lamas... Não fazia sentido que Estarreja, de boas possibilidades, com boa camada desportiva, entusiastas admiráveis, — estivesse um pouco à distância dos outros centros do seu distrito.

Ora, como poderá avaliar-se pela coluna de gravuras que publicamos, propõe-se o Clube Desportivo de Estarreja preencher uma vaga na sua linda terra. Já começaram os trabalhos de terraplanagem, e por certo se verá o mais brevemente possível, o fruto do seu trabalho. Em Estarreja vai existir um belo campo.

E o Clube Desportivo, que possui sede própria, como se vê ao alto da coluna, há-de impor-se no seu distrito!



O Funchal, a despeito da sua ausencia nas competições continentais, não olvida o seu propósito de trabalhar e de servir o desporto. Isso pode ver-se constantemente. Pela gravura n.º 1, verifica-se que os desportos nauticos também são cultivados com entusiasmo. Apresentamos 17 praticantes, bons corpos, sorridentes — prontos a ganhar provas. Em n.º 2 — os futuros jogadores da Madeira: dois grupos infantis, que pertencem ao Clube Sport Marítimo, uma colectividade prestigiosa, de onde saíram jogadores como Artur Sousa, Carlos Pereira, Abelhinha, etc.

A gravura n.º 3 representa-nos o Clube Futebol Clube, de Caide, tendo à direita o presidente da direcção, António G. Pereira e o treinador Alfredo da Silva, à esquerda. N.º 4 — O grupo Desportivo Mucifalense, de Mucifal-Sintra, conquistou já várias taças, embora fundado há pouco tempo.



Em Angra do Heroísmo, como temos dito, o movimento desportivo é notável. O grupo do S. C. Lusitana (n.º 5) conquistou o título distrital de 1945/46. Esta equipa: da esquerda, no 1.º plano: Elvino, Ezequiel, Mário Moreira, Cipriano e Gastão; no segundo plano — Manuel Homem, Fonseca, Joel Gomes, Liberal Raposo, Cunha e Valdemar.

Por fim, um esperançoso jogador do novel Desportivo de Mangualde — Custódio Sousa (6).





Stadium

O Grupo da Esquadra Inglesa



Millington, Mogg, Sendall, Bennett, Rogers, Ashworth, Trotter, Davis,
Atherton, Kent e White.

Esc. 2\$00

